

Jonathas Abbott: arte, mecenato e colecionismo na Bahia no século XIX

Cláudia de Oliveira

Este artigo discute o contexto de formação da principal coleção de artes que compõe o atual Museu de Artes da Bahia, a coleção Jonathas Abbott, tomando como fonte de pesquisa um relato autobiográfico: o diário de viagem do autor à Europa, entre 1830 e 1832. Esta análise propõe uma reflexão sobre a construção da individualidade do colecionador Jonathas Abbott, entre 1816 e 1868, período que corresponde a sua trajetória de vida no Brasil, buscando compreender a essência estética da coleção e a natureza do gosto de Abbott. Nossa hipótese é que a construção da individualidade de Abbott, a formação de seu gosto e a natureza estética de sua coleção foram elementos conformadores do espírito da Galeria Abbott, que, portanto, expressa uma intenção tanto subjetiva como objetiva, um projeto de vida. A formação da coleção se relaciona à construção da própria individualidade de Abbott: jovem que chega à Bahia como um imigrante pobre e passa, através de um investimento em seu capital cultural e econômico, a ocupar um lugar social de destaque na sociedade baiana da segunda metade do século XIX.

Eleger seu diário de viagem como fonte de pesquisa para uma discussão em torno da formação de um sentido estético e de um gosto significa entender que os fatos estéticos e biográficos se definem como deslocamentos e colocações do indivíduo no espaço social. Pierre Bourdieu diz que “em se tratando da análise da trajetória do indivíduo, não podemos compreendê-la sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos no campo no qual ela se desenrolou”.¹ Assim, tomaremos a trajetória de Abbott e a formação de sua coleção como artefatos que compõem o diário, pois esses dois processos formativos encarnam as manifestações da sua individualidade em diferentes tempos, constituindo a expressão de uma intenção subjetiva e objetiva de um projeto maior de vida. É a partir de seu relato biográfico – o diário – que encontraremos um sentido, extrairemos uma lógica ou uma consistência no conjunto de escolhas por ele realizadas.

¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

O diário de viagem de Abbott é tomado, nesta pesquisa, como parte de uma tradição literária que começou a se desenvolver na Europa, nos primórdios do século XVIII, e que tinha por objetivo escrutinar culturas exóticas ou viajar por amor à arte e à cultura, indo ao encontro do que permanecera da Antiguidade Clássica. Essa literatura tinha como característica uma narrativa descritiva, impessoal e centrada no relato de elementos pitorescos, e era praticada em sua maioria por jovens da aristocracia inglesa. No século XIX, estendeu-se aos filhos da burguesia, que buscavam o conhecimento artístico, arqueológico ou científico – fora ou dentro do continente europeu –, ganhando contornos mais imaginativos. Seus autores passaram a incluir nos relatos as emoções e os sentimentos pessoais que a visita aos lugares escolhidos lhes suscitava.² Essa prática social do viajar pelo puro prazer e amor ao exótico ou à arte e à cultura da Antiguidade ficou conhecida como *Grand Tour*.³ Jonathas Abbott em seu diário nos apresenta um relato minucioso e emocional sobre o seu *Grand Tour* pela Itália, entre 1830 e 1832.

Ele foi, contudo, uma exceção no conjunto de viajantes europeus. Em primeiro lugar, por não ser um aristocrata ou da alta burguesia, mas um imigrante que, através do seu trabalho, tornou-se capaz de se proporcionar uma viagem do porte de um *Grand Tour*, bem como uma viagem a Paris de especialização de seus estudos em medicina – profissão escolhida por ele no Novo Mundo. Nesse aspecto, sua literatura de viagem se encontra no lado oposto à de outros ingleses no Brasil. Em vez de narrar um encontro com o exótico, Abbott narra uma visita à Europa para leitoras brasileiras. Em segundo lugar, seu olhar, ao contrário dos demais viajantes ingleses que aqui aportaram no século XIX, é o olhar do Sul para o Norte, onde o Brasil é apenas o pano de fundo narrativo. Para apreender a excepcionalidade do escrito não podemos perder de vista quem o escrevia, sua personalidade e circunstância, o meio de onde saíra e aquele ao qual passara a pertencer, as ambições de carreira que o moviam, juntamente com o desejo de amor e afeto. Através da leitura de seu diário, podemos perce-

² BOYER, Christine. *The city of collective memory: its historical imagery and architectural entertainments*. Cambridge, EUA: MIT, 1998.

³ SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002, p. 301.

ber seu humor, seu pragmatismo, seu senso do concreto, a admiração pelas primeiras transformações modernizadoras trazidas pela Revolução Industrial em sua velha Albion – modo como se referia à sua Inglaterra natal –,⁴ bem como o seu encontro com parte do mundo clássico – episódio deflagrador de seu desejo de formar uma coleção de artes.

Entre agosto e outubro de 1812, Jonathas Abbott, que acabara de completar 16 anos, desembarcava em Salvador, Bahia, vindo de Londres. Nasceria em Kennington, distrito de Lambeth, região muito empobrecida, burgo da classe trabalhadora e, à época, fora dos limites de Londres. Seu pai, John Abbott, marceneiro, era casado com Sarah Abbott com quem teve seis filhos. Sabe-se pelo diário de Jonathas que a família se transferiu para outro burgo ainda mais empobrecido, Homerton, a leste da cidade, cuja especialidade era a produção de móveis e roupas. Por tradição oral, sabe-se também que Jonathas veio para o Brasil na condição de *groom* (cavaliário) do médico luso-baiano José Álvares do Amaral, que, pela Carta Régia de 29 de dezembro de 1815, fora nomeado secretário do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia. Não temos informações de como os dois se conheceram. O que podemos afirmar é que Jonathas nasceu em 1796, na era georgiana – 1714 a 1830 –, período em que a divisão e a hierarquia de classes sociais estavam claramente definidas, tornando extremamente difícil a ascensão social das classes trabalhadoras. Talvez essa situação social tenha sido uma das razões a levar o jovem a deixar a Inglaterra para construir sua vida no Novo Mundo, como imigrante.

A princípio, em Salvador, suas ocupações giraram em torno dos estudos de latim, no convento da Ordem Terceira de São Francisco. Com os franciscanos, Jonathas teve acesso ao estudo da cultura e da arte clássicas. Segundo Maria Helena Ochi Flexor, ali era ministrado o ensino artístico, paralelamente aos ateliês, tendas e oficinas dos mestres, onde eram confeccionados painéis, tetos, estandartes, andores e charolas. Escreve a autora que os artistas elaboravam também

[...] as imagens de vestir e as de roca para as procissões, [...] a encarnação e pintura das imagens, sua restauração, pinturas internas de oratórios, caixas, arcas, armários, douramentos. Os escultores, da mesma forma,

⁴ GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 2007.

exerciam funções outras, além de executar as chamadas obras-primas, incluindo restauração e modernização de imagens ou repintura restaurativa de quadros. As estampas e obras de grandes mestres serviam de modelos como era a prática, visto que a maestria só era alcançada quando se copiava, o mais perfeitamente possível, esses modelos.⁵

No convento de São Francisco foi criada, também, em 1821, uma cadeira de desenho, ministrada pelo pintor baiano Franco Velasco⁶ e aberta ao público. A habilidade de Velasco com retratos e temas que se distanciavam dos bíblicos mostrava que ele já tinha sido atingido pela renovação promovida pela Missão Artística Francesa do Rio de Janeiro. O estreito contato de Abbott com os franciscanos e com os artistas da Escola Baiana de Pintura fez emergir nele um gosto, um senso estético, que se evidenciaria na compra da primeira peça da sua pinacoteca, em Palermo, em 1830: uma cópia da tela do pintor renascentista Correggio, de temática religiosa, denominada *Cabeça de Cristo agonizando*.

Aos 20 anos, Abbott já era professor de latim. No mesmo ano de 1816, matriculou-se no Colégio Médico, iniciando seu curso de cirurgia. Parece-nos fora de dúvida a influência de José Álvares do Amaral na decisão do jovem imigrante, pois como patrão, ou amigo patrão, o provável é que já houvesse descoberto nele os dotes de inteligência, energia e disciplina que outros também notariam, como o 8º conde dos Arcos, d. Marcos de Noronha e Brito, que governou a Bahia entre 1810 e 1818 e para quem Abbott trabalhou como tradutor de documentos diplomáticos do inglês para o português, tornando-se seu protegido.

⁵ FLEXOR, Maria Helena Ochi. Raízes da arte moderna Bahia/Brasil. *Artelogie*, n. 1, s/d., p. 4. Disponível em: <<http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article75>>. Acesso em: 25 ago 2013.

⁶ Antonio Joaquim Franco Velasco (Salvador, 1780-1833). Pintor, professor. Autor de diversos retratos e pinturas decorativas para igrejas na cidade de Salvador. No início da década de 1810, realiza trabalhos para a matriz de Santana; por volta de 1813, produz pinturas para o teto da nave e, em 1814, é incumbido de fazer o painel da pia batismal. Entre 1818 e 1820, executa a pintura do forro e de sete painéis retratando os passos da paixão de Cristo para os altares da igreja do Senhor do Bonfim, além do douramento da capela-mor, de altares, tribunas, púlpito e coro. É também autor da pintura do forro da capela-mor da igreja matriz do Santíssimo Sacramento de Itaparica. Em 1821, é nomeado docente substituto da cadeira pública de desenho de Salvador, possivelmente por incentivo de dom João VI (1767-1826), em agradecimento aos dois quadros que lhe são presenteados. Sobre essas informações, ver: ALVES, Marieta. *Dicionário de artistas e artífices na Bahia*. Salvador: Ufba, 1976. p. 210.

Mas foram as aulas de latim que se transformaram em sua principal fonte de renda, possibilitando-lhe sustentar a família que constituiu. Em 1818 – ainda cursando medicina – casou-se com Hermelinda Máxima Coelho, filha de portugueses e sua vizinha na ladeira da Preguiça, freguesia de Conceição da Praia, na Cidade Baixa. Com ela, Jonathas teve dois filhos, que vieram a falecer, bem como a própria Hermelinda, que morreu em 1828. Ainda casado, em torno de 1824, iniciou uma relação paralela por aproximadamente cinco anos com uma viúva argentina, Ana Cecília Walters, com quem teve mais dois filhos – Cecília Ana e Jônatas, nascidos entre 1824 e 1826 e perfilhados por Jonathas após a morte de Hermelinda. Ana Cecília partiria para o Rio de Janeiro em 1830 por exigência de seu pai, que não suportava a situação ilegal da filha – no mesmo ano, portanto, em que Jonathas, já viúvo, viajaria para a Europa. Após o seu retorno, em 1832, Jonathas levaria os dois filhos para viver consigo.

Além da relação com Hermelinda e Cecília, Jonathas era também um apaixonado freirático: mantinha relações de amizade com senhoras recolhidas em conventos, sem ter necessariamente vocação religiosa. Tinha seu coração preenchido pelas “doças amigas” do convento das Mercês, em Salvador, e sobre elas escrevia: “[...] mostram-me essas senhoras uma amizade que me enche de prazer. Uma delas já me deu provas de um sentimento ainda mais doce.”⁷ A prática do freiratismo, segundo João Adolfo Hansen,⁸ foi muito comum em Portugal, desde a Idade Média, e no Brasil colonial, especialmente na Bahia. Jonathas escrevia seu diário para elas, pois desejava que o mesmo causasse furor em suas “doças amigas” recolhidas.

Segundo Ana Miranda, em análise sobre a prática epistolar entre cavalheiros mundanos e damas portuguesas que viviam em conventos em Portugal: “Houve um tempo em que o desejo sexual transpôs os limites da espiritualidade reclusa [...]. Era preciso degradar o fascínio do mal; espiritualizar o corpo e erotizar a alma. Para isso, nada como buscar o prazer na escuridão das celas do convento”.⁹ Ao longo de sua viagem à Europa, Jonathas referia-se inúmeras vezes,

⁷ GALVÃO, Fernando Abbot. *O diário de Jonathas Abbott*.

⁸ HANSEN, João Adolfo. Freiráticos na sátira luso-brasileira do século XVII. *Revista USP*, São Paulo, n. 57, p. 68-85, mar.-maio 2003.

⁹ MIRANDA, Ana. *Que seja em segredo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1998.

em seu diário, a d. Maria Cândida e d. Maria Margarida, ambas recolhidas nas Mercês. Estando em Paris, apontava em seu diário: “Sim, cara Margarida, de ti cuidei ouvir hoje a voz sonora: tu hoje me arrancaste suspiros de saudades e até lágrimas, mas eu ainda espero derramá-las de prazer”.¹⁰

Ainda de acordo com Ana Miranda:

[...] não era necessária grande beleza para se tornar uma preferida conventual nas artes do amor. Bastava uma certa doçura, malícia, sensualidade e as roupas religiosas, detrás das portas de ferro e janelas gradeadas, para arrebatat o coração de um homem. Porque, dentre eles, eram poucos os que não se tornavam freiráticos.¹¹

Contudo, ao retornar da Europa, após ser recebido com muito entusiasmo pelas amigas recolhidas, decidiria deixá-las de ver, já que os encontros acabaram saindo de seu controle. Contrairia segundas núpcias com uma viúva de posses, três anos mais velha, d. Ana Joaquina de Freitas, entre janeiro e março de 1838.

Jonathas tinha se graduado em 1820 e, em 1821, por ter frequentado mais um ano, fora aprovado com distinção, o que lhe dera a condição de cirurgião formado com o direito de praticar a medicina e a cirurgia em todas as partes do reino. Em março de 1829, foi empossado na cátedra de anatomia da Escola de Medicina da Bahia. Logo começou a planejar uma viagem de especialização em Paris, bem como um doutoramento por uma universidade tradicional e renomada europeia, prática que se tornava comum entre um novo grupo de jovens profissionais baianos, recém-formados – especialmente pela Escola de Medicina –, mas não só, já que os artistas também começavam a viajar para Paris a fim de aprender com os grandes mestres. Segundo Maria Helena Ochi Flexor:

A província da Bahia já enviava alguns artistas para se aperfeiçoar na Europa, independentemente de instituições oficiais ou particulares. Foram estudar em Paris Francisco Rodrigues Nunes, que ensinava desenho nas aulas públicas, para estudar pintura; Francisco Moniz Barreto

¹⁰ GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*, p. 457.

¹¹ MIRANDA, Ana. *Que seja em segredo*, p. 7.

Filho, para estudar música e pintura; e Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, para estudar arquitetura civil, entre outros. A França e a Itália eram os países preferidos.¹²

É importante ressaltar que a escolha de Jonathas por uma viagem à Europa deixa perceber que na primeira metade do século XIX ia se diferenciando em Salvador um grupo de profissionais liberais, intelectuais e artistas, especialmente provenientes das classes médias e altas, de atuação docente na maioria dos casos, que completavam seus estudos na Europa, especialmente em Paris. Esses homens, pertencentes à elite intelectual local, tornaram-se destacados professores na cidade, com fortes inquietudes culturais, que iriam se manifestar no interesse pela história, pela arte, pela música e pela política local e nacional. Com o tempo, tais inquietudes se transformariam em práticas de diferenciação social de classe. As coleções de arte de valor diversificado, formadas por muitos deles, passariam a fazer parte de seu legado, contribuindo para formar os atuais museus da Bahia.

Seguindo esse fio analítico, verificamos que Jonathas Abbott foi participante, junto com outros de sua geração, de um momento peculiar dentro da história da cidade, o da criação de uma esfera cultural diferenciada, plasmada pela fundação de várias instituições orientadas para difundir a história, a arte e a cultura, como a Sociedade de Belas Artes, fundada a 18 de maio de 1856 por um conjunto de homens das letras e das artes, em casa de Abbott, no Caminho Novo do Gravatá. Dentre eles destacam-se o dr. Antônio José Alves (pai de Castro Alves, colega de Abbott na Congregação da Faculdade de Medicina e também grande colecionador), o dr. João José Barbosa de Oliveira (pai de Rui Barbosa, médico e seu amigo), o dramaturgo Agrário de Meneses, o poeta Muniz Barreto, o diplomata Gaspar José Lisboa e o pintor Rodrigues Nunes, sendo o próprio Jonathas Abbott o presidente da Sociedade.

Em 20 de julho de 1830, a bordo da galera sueca *Ariadne*, Jonathas partiu para a Europa e lá permaneceu até 1832. No seu programa de viagem, o estudo da medicina moderna e o *Grand Tour* eram o grande desejo e estavam intima-

¹² FLEXOR, Maria Helena Ochi. Raízes da arte moderna Bahia/Brasil, p. 2.

mente relacionados. O “inglês pobre”, como Gilberto Freyre se referiu a ele,¹³ transformara-se em um imigrante de classe média em ascensão que, por acesso à educação, foi construindo progressivamente um capital econômico e cultural que lhe possibilitou alargar os horizontes como indivíduo. Assim, vemos Jonathas anotar em seu diário todas as experiências vividas na Europa, fossem elas no campo profissional, familiar ou afetivo. Mas é especialmente sugestivo quando sublinha, nesses dois anos, o seu contato com os fragmentos da Antiguidade Clássica, através de cacos de azulejos, esculturas, ruínas, cidades, paisagens geográficas, obras arquitetônicas, templos, etc. – contato que o levou a refinar seu gosto, adquirindo objetos que começaram a construir uma coleção destinada a fazê-lo recordar sempre a antiguidade do mundo ocidental.

Jonathas foi à Europa com um programa bem definido: estudar medicina nos hospitais e escolas de Paris – onde frequentou aulas e assistiu a cirurgias de médicos famosos na época – e, também, fazer o seu *Grand Tour* – para entrar em contato com a arte e a cultura clássica ou com o que sobreviveu ao tempo. Para além de um prazer pessoal, financiou essa sua viagem como estratégia de ascensão social e profissional, pois desejava, ao retornar, tornar-se um homem respeitável na sociedade baiana de seu tempo. O investimento na construção de sua individualidade objetiva e subjetiva tinha para ele um enorme valor. Considerava a viagem e os estudos como bens simbólicos e marcadores privilegiados de classe, instrumento de distinção, por excelência, já que, ao apoiar-se numa relação de proximidade com a arte e a ciência, resultaria em cultura objetiva e subjetiva, o que, por consequência, levaria à sua ascensão social.¹⁴

Foi dentro desse esquema que Jonathas investiu também na construção de uma rede de relações que o tornaria um homem extremamente respeitável ao retornar a Salvador. Logo que chegou a Paris, em 28 de outubro de 1830, instalou-se em um quarto mobiliado no hotel Saint Germain, rue Sainte Marguerite, por 26 francos mensais. O tempo em Paris foi judiciosamente repartido entre as lições dos grandes mestres da medicina e a visita frequente a museus de arte, às coleções mais variadas e a ida a conferências sobre literatura francesa no

¹³ FREYRE, Gilberto. *Inglês no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Udesp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

Instituto de França. As horas vagas eram dirigidas à construção de relações com titulares da sociedade baiana, como Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca, pai de Luísa Margarida de Barros Portugal, futura condessa de Barral, que, posteriormente, o indicaria ao imperador Pedro II, ressaltando ser Jonathas Abbott um dos médicos mais respeitáveis da Bahia, quando d. Pedro visitou essa província em 1859.¹⁵ Ainda em Paris, fazia também visitas frequentes ao marquês de Resende, Góis Calmon, passando a ter como companheiros estudantes de medicina, a maioria deles provenientes das classes abastadas da Bahia, que se tornariam seus amigos íntimos após seu retorno a Salvador.

Diminuído o ritmo de atividades escolares, no verão de 1831 não havia muito que justificasse a sua presença na cidade. Abbott, então, tomou uma diligência a Marselha. Dez dias depois, embarcou num brigue francês até Palermo e em nove dias lá estava. Esquadrinhou a cidade e suas redondezas, as soberbas igrejas, com seus famosos mosaicos, sendo todas as visitas devidamente registradas no seu diário. Protocolou um documento ao rei de Palermo, solicitando autorização para o seu doutoramento, e continuou a visita enquanto aguardava a decisão. Em agosto estava Jonathas Abbott aprovado nos exames de doutorado. Em Palermo, dois acontecimentos foram definitivos para o início de sua famosa coleção. Andando pela cidade, adquiriu a cópia de Correggio – *Cabeça de Cristo agonizando*, anteriormente citada – que vira, na véspera, na coleção da Universidade. O segundo acontecimento foi sua partida para a sequência do *Grand Tour* pela Itália, visitando várias cidades da Antiguidade Clássica, incluindo Pompeia, onde mitologia e arte apareciam em imagens oníricas. Escreveu:

Imagens de deusas, brincos de senhoras, máscaras de teatro, moedas, corpos carbonizados. [...] [O]s teatros cômico e trágico, de mármore, estão inteirinhos, tanto eram sólidas as obras da Antiguidade. [...] [V]isitei os templos das deusas Ísis, de Mercúrio, de Júpiter, de Esculápio e o de Vênus [...]¹⁶

¹⁵ D. Pedro II assistiu a uma das aulas de anatomia de Jonathas Abbott na Escola de Medicina e se impressionou com o seu conhecimento. Sobre isso, ver: GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*, p. 354.

¹⁶ *Ibid.*, p. 362.

Foi a Herculano e Roma – sua grande paixão – e também a Nápoles, Resina, Pozzuoli, Toscana, Ligúria. Além de visitas às cidades com seus monumentos, estátuas, galerias e museus, esquadrinhou a geografia das regiões por onde passou: lagos, montanhas, vinhedos, o Vesúvio, para ele uma “eterna maravilha”. Foi anotando em seu diário a compra de objetos que constituiriam sua coleção: “[...] comprei vários objetos feitos das lavas do Vesúvio, e mesmo estampas, a fim de lembrar-me sempre dessa ignívoma montanha [...]”.¹⁷ Passou, então, a adquirir o conhecimento de um *connoisseur*, de um colecionador, uma progressiva familiaridade com as obras e os objetos que via. Segundo Pierre Bourdieu, ser um *connoisseur* “é uma arte, um controle prático que, à semelhança de uma arte de pensar ou viver, só pode ser transmitida por contato repetido com obras culturais”.¹⁸ Assim, Jonathas ia adquirindo vários objetos na viagem pela Itália e cada um era para ele uma relíquia, uma recordação, uma “imagem lembrança”, nos termos de Walter Benjamin: “[...] tudo o que é lembrado, pensado, consciente torna-se suporte, pedestal, moldura, fecho de sua posse [...] e a peça recém-adquirida emerge como uma ilha no mar que envolveu seus sentidos”.¹⁹

No dia 29 de agosto de 1831, às 10 horas da manhã, anotou em seu diário:

[...] descobrimos a capital do mundo antigo, e hoje do mundo cristão, a grande e majestosa Roma. Senti não sei que prazer ao vê-la com os meus próprios olhos, [...] avizinhar-me a uma cidade cujo nome só basta para encher de admiração e respeito”.²⁰

Roma, para Abbott, era imagem-fusão de formas artísticas que compunham o passado civilizacional da humanidade ocidental, já que conciliava passado e presente. Era uma cidade relíquia. Nas palavras de Abbott, era plena de estilos e personalidades. Não era uma cidade cenográfica, mas lugar onde natureza e

¹⁷ *Ibid.*, p. 367.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, p. 198.

¹⁹ BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: _____. *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 227-235.

²⁰ GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*, p. 452.

espírito se harmonizavam. Sua admiração por Roma extrapolava todas as suas expectativas em relação ao classicismo. Escreveu:

Vi o soberbo castelo de Sant'Angelo, e passei à basílica de São Pedro. Vista mais nobre não pode haver, as belas fontes, as colunatas de rico e antigo mármore, ágata e pórfiro, o mosaico mais delicado exato, as estátuas colossais de bronze e mármore, o altar de pontífices, tudo imortalizado por gênios também imortais; em suma, é escusado tentar uma descrição quando essa força será pobre... apesar de estar ali por quatro horas esbugalhando o olho, não vi ainda a vigésima parte. [...] [S]ubi o soberbo capitólio e parei diante da estátua equestre de Marco Aurélio, menos para examinar essa soberba relíquia que para refletir que meus pés profanavam terreno sagrado. Quantos heróis endeusados ali receberam os seus louros? Quantos monarcas cativos ali aumentaram o triunfo do vencedor! [...] Eu ouço os quatro milhões de romanos enviar aos céus os seus ardentes votos, estou vendo as mães entregarem seus filhos, suas joias para a salvação da pátria; César, Bruto, Régulo e mil outros, eu os vejo e estou convosco no capitólio. Ah! minha alma não cabe no seu cárcere estreito, o coração me bate forte e as lágrimas me impedem de ver o que me rodeia [...].²¹

Essas descrições nos remetem às análises de Georg Simmel, em que expressa em 1898, 68 anos após Jonathas Abbott, impressões muito semelhantes:

Aqui gerações incontáveis criaram e constituíram ao lado uma das outras e por cima uma das outras, cada uma delas sem se importar minimamente ou mesmo, a maior parte das vezes, sem compreender minimamente o que encontrava já feito, entregue exclusivamente às necessidades do presente e ao gosto ou ao capricho da sua época.²²

²¹ Ibid, p. 504.

²² SIMMEL, Georg. Roma, uma análise estética. In: _____. *Simmel: a estética e a cidade*. São Paulo: Annablume; Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011. p. 15.

Os dois autores, em tempos muito distintos, parecem dividir os mesmos sentimentos e visões sobre Roma. Para ambos, a cidade unia a distância entre as épocas, os estilos, as personalidades, os conteúdos vitais que lhes deixaram as suas marcas, tão diversas como em nenhum outro lugar no mundo e, no entanto, entrelaçadas numa unidade, harmonia e afinidade também como em nenhum outro lugar do mundo. As sensações fragmentárias e isoladas de Abbott sobre a cidade revelam a sua fruição estética, que parece consistir em encontrar ou criar uma unidade na massa caótica das impressões e ideias que repousa na historicidade, no passado clássico. Roma produz o efeito de uma obra de arte da mais elevada ordem na visão de Abbott. A mesma visão teve Simmel, em sua reflexão estética sobre a cidade.²³ Creio podermos afirmar que a individualidade de Jonathas é parte de uma *mentalidade de época*. O historiador da arte Ernst Gombrich, contrário à afirmação de uma história “autônoma” da arte, toma a cultura em um sentido quase antropológico quando diz: “O que aproxima homens, mitos e obras de arte é, de uma parte, seu nascimento, sua transmissão em contextos culturais e sociais específicos [...] que possa ser explicado por uma análise de contexto.”²⁴

Ao deixar Roma, Jonathas anota em seu diário: “Oh! Verdadeira pátria de deuses e heróis, com que saudade deixo o teu sagrado solo! Deixo de ver e de tocar tuas estupendas ruínas, vestígios espantosos da tua antiga glória! Adeus!”²⁵ As ruínas despertavam em Abbott o mesmo sentimento que despertaram em John Ruskin em sua viagem a Roma e, posteriormente, em Viollet-le-Duc. Pareciam emergir enquanto alegoria por meio da representação do que a edificação uma vez foi e não é mais. Pois é também um monumento do presente e por isso existe em correlação com a vivência das cidades e suas memórias. As ruínas, desse modo, apresentam-se como um fator de afirmações coletivas, individuais e nacionais, a partir de sentimentos despertados por esse “morto” que luta por sobrevivência e vida na sociedade a que pertence.²⁶

Relatos como os de Abbott sobre Roma nos remetem também às narrativas dos viajantes do *Grand Tour*, fenômeno social que Valéria Salgueiro diz

²³ *Ibid.*, p. 16.

²⁴ GOMBRICH, Ernst Hans. *Para uma história cultural*. Lisboa: Gadiva, 1994. p. 54.

²⁵ GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*, p. 457.

²⁶ RUSKIN, John. *The seven lamps of architecture*. Londres: Dover, 1989.

ter sido típico da cultura europeia anterior ao mundo moderno sob o capitalismo.²⁷ Tais viagens foram realizadas por pensadores como Goethe²⁸ e estetas como John Ruskin,²⁹ bem como Horace Walpole e Thomas Gray, dentre tantos outros intelectuais, filósofos, artistas e viajantes, provenientes primordialmente da Inglaterra, França e Alemanha. Todos viajavam até Roma declaradamente em busca de edificação pessoal e do estudo da cultura dos antigos. O verdadeiro *Grand Tour* envolvia, além de uma viagem a Paris, um circuito pelas principais cidades italianas – Roma, Veneza, Florença e Nápoles.³⁰

Sua realização transformou Jonathas em um *grand touriste*, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos. As motivações dos *grands touristes* beiravam a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens, amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes. Jonathas anotou em sua viagem à cidade de Portici:

[...] quantos objetos raros me cercam por toda parte. O golfo de Nápoles, as inumeráveis vilas e povoações, o castelo de Sant’Elmo e o Vesúvio, o lago tranquilo de Agnano, a fumegante montanha, sobre a qual estavam os banhos quentes ao pé dela, [...] em suma um panorama completamente encantador.³¹

A aquisição de objetos o levou a viajar no tempo, a retornar à essência do classicismo, o que parecia ser um encontro com o seu passado, um encontro consigo mesmo. Anotou em seu diário: “hoje comprei uma lâmpada romana e um lacrimatório”.³² Os objetos representavam ideias e para ele eram verdadeiras obras de arte, a partir da noção moderna, tal como descrita por Norbert Elias: eram singularidades. O movimento de viajar e adquirir objetos para colecionar, segundo

²⁷ SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor*, p. 301.

²⁸ GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália 1786-1788*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

²⁹ RUSKIN, John. *Viaggi in Italia 1840-1845*. Florença: Pazzigli, 1985.

³⁰ SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor*, p. 304.

³¹ GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*, p. 463.

³² *Ibid.*, p. 503.

Elias, relaciona-se ao processo de exibir coisas ausentes do passado do mundo civilizado. Viajar é formação que sustenta e sintetiza um amplo movimento individual para o social e vice-versa, em uma aparência de leva e traz. “As pessoas colecionam para se civilizar”.³³ E é nas viagens que, segundo Walter Benjamin, ocorrem as compras mais memoráveis, pois “coleccionadores são pessoas de instinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto-chave. São imagens lembranças”.³⁴

José Antônio do Prado Valladares, diretor do Museu do Estado da Bahia de 1939 a 1942 e posteriormente professor de estética da Universidade da Bahia, diz ser a Galeria Abbott – como um todo – extremamente desigual, eclética, sem uma unidade de obras, objetos, temáticas, artistas e/ou linguagem poética.³⁵ Nesse sentido, há na coleção obras e artistas provenientes de distintas linguagens pictóricas, cujas temáticas também são extremamente ecléticas – incluindo a representação dos principais artistas da Escola Baiana de Pintura. Contudo, creio que a variedade e heterogeneidade que regem a coleção são justificadas pela lógica que o colecionador lhe outorgou. Pois os objetos para Abbott (fossem obras de arte ou objetos “quaisquer”) tinham, em sua visão, um caráter universal e didático, com atuação ampla na consciência presente.

Por um lado, se entendermos que o colecionismo pode ser definido como um ato de juntar coisas que possuem propriedades ou características comuns que servem para conhecer o mundo, as diversas formas que as coleções assumem, por mais diversificadas que sejam em relação aos padrões artísticos e culturais observados pela crítica, devem ser percebidas como exercícios de adaptação, ou integração, aos modelos perceptivos condicionados pela relação do indivíduo com suas referências memoriais e cotidianas, o que leva à formação de uma prática social que se configura em um prazer estético individual, ou gosto.

³³ ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 85.

³⁴ BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1982. p. 103.

³⁵ VALLADARES, José. *A Galeria Abbott: primeira pinacoteca da Bahia*. Monografia apresentada ao I Congresso de História da Bahia, março de 1949. Bahia, Secretaria de Educação/Museu do Estado, 1951.

Por outro, podemos entender culturalmente o ecletismo da Galeria Abbott se a inscrevermos no cotidiano da sociedade baiana da primeira metade do século XIX. Suzana Alice Silva Pereira aponta para as muitas mentalidades na Salvador oitocentista, ou seja, havia uma não linearidade histórica, quer nas posturas coletivas, quer nas atitudes e discursos individuais, quer na expressão figurativa.³⁶ Em se tratando da iconografia que, até então, era exclusivamente barroca, no decorrer do século XIX, outros modelos passaram a ser adotados, como o neoclássico, configurando-se, então, uma produção artística de transição, híbrida, com obras associadas a ambos os modelos e pintores se exercitando em diferentes temáticas e tratamentos formais, o que resultou numa produção artística eclética. Assim, renovação e permanência estabeleceram um diálogo evidente na Coleção Abbott.

Analisando a questão do ponto de vista de um mercado de arte praticamente inexistente, na Bahia da segunda metade do século XIX, podemos afirmar que a clientela representada quase que exclusivamente pelas instituições religiosas se diversificava também por outros segmentos sociais, fazendo surgir a figura do colecionador particular, como Jonathas Abbott e outros do seu tempo. Segundo o historiador Paulo Knauss, a prática de colecionar de Abbott foi extremamente importante, pois trouxe desdobramentos para os artistas baianos da época. Escreve Knauss:

Ao integrar o movimento de criação da Sociedade de Belas Artes, o médico anglo-baiano e amante das artes participou do processo de liberalização das artes na Bahia, promovendo a carreira de artista como profissional autônomo no mercado livre, distante das restrições impostas pelas antigas corporações de ofício que dominavam o campo dos artesãos.³⁷

Seguindo essa linha interpretativa, podemos afirmar que a Galeria Abbot e a própria individualidade de Jonathas encarnam uma trajetória de mediação

³⁶ PEREIRA, Suzana Alice Silva. A pintura baiana na transição do barroco ao neoclássico. *Cadernos do MAV* (EBA-Ufba), s/d. Disponível em: <www.portalseer.ufba.br>. Acesso em: 25 ago. 2013.

³⁷ MENDONÇA, Paulo Knauss de. *O cavalete e a paleta: arte de colecionar no Brasil*. Labhoi, s/d. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/labhoi/files/May07HQ6_MUCt_cavalete_paleta.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.

sociocultural que, segundo chama atenção Gilberto Velho,³⁸ oferece uma plasticidade que se manifesta na capacidade de transitar e desempenhar o papel de mediadores entre distintos grupos e códigos sociais. Jonathas Abbott foi um mediador, um intérprete e um reinventor de si próprio, ao mesmo tempo em que ofereceu uma pluralidade cultural à arte baiana de meados do século XIX, quando reuniu em sua coleção objetos, obras e artistas europeus à produção artística baiana. Jonathas Abbott foi, sobretudo, um agente de mudança, ao aportar informações, novos costumes, hábitos, bens e aspirações à sociedade de seu tempo, por meio de seu cosmopolitismo objetivo e subjetivo.

Abbott construiu um museu privado que não era exclusivamente voltado para uma determinada corrente artística. Ao contrário, construiu uma coleção cuja particularidade era ser um agrupamento heterogêneo de objetos em que o homogêneo era seu valor histórico. O modelo que mais se ajusta ao caso de Jonathas Abbott é o de um tipo diferente de colecionismo, talvez mais generalizado no período posterior (século XX), às margens dos avatares do mercado especializado nacional e internacional. A pedagogia dos objetos proporciona a lógica dessa variada coleção, o objeto tem algo para ensinar do passado, é suporte para o êxito de um ato pedagógico que seria a constituição de um futuro museu – campo para a criação da história e da tradição.

A amizade de Jonathas Abbott com os membros fundadores da Sociedade de Belas Artes, com quem também compartia a vocação pelo colecionismo, se manifestava na participação conjunta no que se poderia definir como um programa cultural de criação de instituições do saber na Salvador do século XIX. Ao fundarem a Sociedade de Belas Artes, vemos que esse grupo de homens tinha o objetivo de despertar o gosto pelas manifestações artísticas, elevando moralmente a sociedade baiana e, ainda, dando oportunidade aos artistas da época de apresentarem seus trabalhos em exposições anuais. Mais tarde, a Sociedade de Belas Artes passou a convidar indivíduos que quisessem vender quadros, esboços, desenhos, gravuras ou outras quaisquer peças de arte. Esse grupo de intelectuais amantes das artes criou espaços culturais de indiscutida importância do ponto de vista institucional, que se tornaram os primeiros museus da cidade.

³⁸ VELHO, Gilberto. *Metrópole, cosmopolitismo e mediação. Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 15-23, jan.-jun. 2010.

Na cidade de Salvador não existia na época nenhum museu, nem histórico, nem de artes. Tudo estava por fazer e o que existia era um grupo de homens dispostos a enfrentar a tarefa. Desse grupo fazia parte Jonathas Abbott, que levou a cabo uma progressiva institucionalização do campo artístico e intelectual. Sua figura foi reconhecida na sociedade de seu tempo como fundadora e impulsionadora das iniciativas museísticas na cidade. Por outro lado, as novas práticas, como o colecionismo e a constituição da Sociedade de Belas Artes, foram acompanhadas por um paulatino ingresso de obras de arte do velho continente. Dentro desse processo rico e complexo se formaram as primeiras coleções de arte com que contaram a Bahia e o Brasil. O colecionismo artístico se integrou a um projeto político-institucional, cuja ideologia era edificar a nação por meio da educação de seus cidadãos na esfera artística. Essas iniciativas podem ser vistas como manifestações de uma prática onde se reflete a relação entre os âmbitos público e privado. De um lado, a atuação de um grupo dentro da elite, que toma a iniciativa de promoção cultural, de outro, a atuação do poder político na organização de uma incipiente política cultural.

Os mesmos indivíduos envolvidos na criação da Sociedade de Belas Artes foram aqueles que contribuíram com seu esforço para o progresso material da cidade e deram ensejo com suas coleções a projetos de museus. Sua participação como homens da cultura, professores e colecionadores os fez membros de uma geração e de um grupo social que havia tomado a seu cargo o desenvolvimento cultural e institucional da cidade como modo de consolidação de sua posição hegemônica dentro dessa sociedade, já que viam a si mesmos como tendo um papel pedagógico a cumprir. Esse grupo era conformado por homens que, como Jonathas Abbott, combinavam uma múltipla inserção institucional com a atividade política, a docência e a sensibilidade artística, plasmando-a em numerosas associações, comissões, entidades de caráter cultural, filantrópico ou educativo.

Um traço importante a ser destacado na construção da individualidade do colecionador Jonathas Abbott foi a sua afeição pelo colecionismo artístico e/ou histórico. Destacamos, também, que tanto a construção de sua individualidade quanto a formação de sua coleção fizeram parte de um mesmo processo: o de sua ascensão social. Nesse processo, o classicismo com que Jonathas entrou em contato em seu *Grand Tour* tornou-se a essência estética de sua coleção. Essa primeira viagem de retorno à Europa foi, ao mesmo tempo, núcleo inicial de sua

coleção e campo de aperfeiçoamento profissional. Converteu-se, nesse aspecto, em prática de diferenciação social, garantindo-lhe o pertencimento a certo grupo de notáveis na sociedade baiana de seu tempo.

Jonathas Abbott viajou mais uma vez à Europa, entre 1852 e 1853, adquirindo mais peças e obras. Foi importante agente no comércio de artes na Bahia, tornando-se um comprador compulsivo de obras nacionais e internacionais. Morreu em 1868, aos 71 anos, em sua casa, no Caminho Novo do Gravatá (atual rua 28 de setembro, no Pelourinho), com a maior coleção de obras de arte do Império, segundo Morais Filho.³⁹ Em abril de 1869, a província da Bahia adquiriu parte de suas obras, que foram doadas ao Liceu Provincial. Em 1931, as obras foram transferidas para a Pinacoteca do Estado da Bahia. Finalmente, em 1938, a Coleção Abbott foi enviada ao Museu de Artes da Bahia, recém-inaugurado no antigo palacete Góis Calmon, no Corredor da Vitória. Em 30 de junho de 2000, a diretora do museu, Sylvia Athayde, fez uma relação completa do que restara e, num total de 160 obras, permanecem 37 telas de artistas baianos e demais brasileiros e 123 de artistas estrangeiros (todas não identificadas). A Galeria Abbott permanece sendo até hoje a coleção núcleo do Museu de Artes da Bahia.

Mais que um dos “ingleses no Brasil”, o jovem Jonathas percorreu o itinerário dos verdadeiros imigrantes que queimam nos navios e reinventam uma nova identidade nacional na terra de adoção. [...] [O] jovem imigrante passou por um drástico processo de abasileiramento, não só formal e jurídico, que incluiu a sua adoção ao catolicismo, e sua naturalização, também de alma, gostos e costumes, melhor seria dizer que ele se abaianou por completo [...] culminando por ter gosto de frequentação e nos prazeres, hoje misteriosos para nós, do doce convívio com damas recolhidas em conventos. [...] A Bahia foi lugar de ascensão social e de realizações profissionais e culturais do antigo e humilde *groom* de 1812.⁴⁰

³⁹ Apud GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*, p. 350.

⁴⁰ *Ibid*, p. 10.